

PAULINO VENDRESEN

(UFSC)

## 1.- Introdução

1.1 Os dados sociolinguísticos apresentados nesta comunicação são resultantes de uma análise preliminar das entrevistas realizadas pelo Projeto VARSUL (VARIAÇÃO LINGUÍSTICA URBANA NA REGIÃO SUL : CENSO) Este projeto de investigação é desenvolvido conjuntamente por equipas de três universidades federais: UFRS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e UFPR (Universidade Federal do Paraná)

1.2 A Região Sul do Brasil apresenta um quadro linguístico muito complexo, devido à numerosa e diversificada imigração estrangeira. Este quadro complexo levou os linguístas das instituições locais a realizarem encontros (a partir de 1982) com a finalidade de discutir formas de cooperação interinstitucional na investigação sociolinguística das línguas em contato naquela área.

Já após o 1º encontro em 1982 ficou evidente que havia três aspectos da realidade linguística regional que mereciam ser investigados:

a) O contato do Português com as Línguas Minoritárias dos imigrantes (alemães, italianos, poloneses, ucranianos, japoneses, etc) e grupos indígenas remanescentes (Guarani, Kaingang e Xokleng). Inclui-se aqui o interesse pelo dialeto "Fronteiriço"

falado em alguns departamentos do Uruguai e a própria influência do Espanhol sobre o Português nas comunidades fronteiriças.

b) O estudo da VARIAÇÃO LINGUÍSTICA URBANA, considerando entre outras variáveis sociais - os grupos étnicos que compoem a população regional: açorianos, alemães, italianos e eslavos bem como as migrações internas de nordestinos, paulistas e mineiros.

c) Diferenças intraregionais, particularmente das áreas rurais, que deverão levar à elaboração do ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul).

1.3 A Cooperação entre os sociolinguistas interessados na "variação urbana" do português ficou definida no PROJETO VARSUL, que tem como objetivo organizar um BANCO DE DADOS para um estudo pormenorizado do Português falado na Região Sul. Os resultados poderão posteriormente ser comparados com dados de outras áreas do PB (Português Brasileiro), do PE (Português Europeu) e do PA (Português Africano). Este Banco de Dados deverá ser explorado pelas equipas de pesquisadores e pelos alunos dos cinco cursos de Mestrado e dois cursos de doutorado em Linguística da Região Sul. Prevê-se que cada Mestrando ou Doutorando que usar o Banco de Dados VARSUL contribuirá com um pequeno número de novas entrevistas visando à ampliação dos dados.

1.4 O Projeto VARSUL prevê a realização de entrevistas em 12 áreas urbanas, quatro em cada estado, levando em conta as etnias constitutivas da população e as variáveis de sexo, idade e escolaridade.

Presentemente, desenvolve-se uma primeira etapa de investigação nas três capitais : Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, entrevistando-se em cada uma 24 informantes, distribuídos segundo as variáveis sociais de sexo, idade (25 a 50 e + de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásial e colegial).

Esta etapa do projeto foi iniciada em julho de 1989, com recursos financeiros da FINEP (Financiadora de Estudos e - Projetos). A partir de fevereiro de 1990, contou também com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas) e das Fundações estaduais de Pesquisa.

1.5 A Metodologia do Projeto VARSUL segue em suas linhas gerais o que é recomendado por Labov (1986) e Milroy (1987), e no tratamento e análise dos dados, os procedimentos desenvolvidos pelo Projeto CENSO da UFRJ.

As entrevistas são feitas em duas etapas: a primeira, mais formal, visa principalmente a verificar se o informante se enquadra nos requisitos estabelecidos pelo projeto: família da região, não ter morado em outras áreas no período crítico da aquisição da linguagem (1 a 12 anos), qualidades de voz para gravação etc. A segunda entrevista, considerada a mais importante para a investigação, consiste na gravação de uma conversa informal, contendo narrativas de experiências pessoais, com a duração de uma hora.

A transcrição dos dados (e posterior digitação em PC) é feita em três linhas, seguindo basicamente o modelo do Projeto CENSO/UFRJ, para facilitar comparações e permuta de dados: Na primeira linha transcreve-se a sintaxe real do falante, seguindo basicamente as normas ortográficas; na segunda linha são indicadas as variantes fonológicas e fonossintáticas, segundo convenções previamente estabelecidas; na terceira linha é indicada a classe gramatical de cada palavra e são dadas outras informações necessárias ao tratamento estatístico dos dados.

## 2. Variável/Variantes

2.1. Na metodologia da sociolinguística variacionista, o conceito de variável/variantes é fundamental. A variável pode ser

definida como a posição ou função (na concepção da tagmêmica) em que podem ocorrer diferentes segmentos em um mesmo valor de verdade. Estes diferentes segmentos ou conjuntos de formas linguísticas são as variantes (formas de dizer a mesma coisa) que compõem uma variável. As variantes podem ser classificadas como: padrão ou não padrão, conservadora ou inovadora, estigmatizada ou de prestígio ou simplesmente neutra.

2.2 A análise preliminar dos dados coletados e transcritos visou particularmente a identificar e a isolar variantes como pertencentes a uma mesma variável. O conceito de VARIÁVEL/VARIANTES tem merecido um refinamento a partir de Lavandera (1977) e Labov (1978), devendo-se salientar a necessidade da existência de duas condições básicas presentes em nossa definição: a) mesmo contexto linguístico, i.e., variante fonológica não é alofone de fonema, no conceito estruturalista... b) o mesmo valor de verdade, i.e., sem mudanças de significado. Para as variáveis fonológicas não encontramos maiores dificuldades na aplicação destas duas condições. Problemas mais sérios aparecem na variação nos níveis sintático e semântico em que as duas condições são, às vezes, de difícil análise. (Lavandera, 1977) e Oliveira (1987).

### 3. Identificação de variáveis fonológicas

Para a identificação das variáveis aqui analisadas, foram observados em torno de 10 minutos de 12 entrevistas já transcritas (das 24 gravadas em Florianópolis) havendo referências a análises anteriores do Português da Região Sul, para fins comparativos (Bisol, 1988).

Câmara (1953) estabelece para o Português formal carioca um quadro com sete vogais em posição tônica, cinco em posição pré-tônica e três em posição átona final.

### 3.1 Elevação das pré-tônicas

Nos dados colhidos em Florianópolis, constatou-se a existência das variáveis <e> e <o>, com as variantes [e] e [i] - [o] e [u] respectivamente. Esta variação é claramente favorecida quando segue uma vogal tônica alta:: [de'via] ~ [di'via], [ko'ruža] ~ [ko'ruza]. Estas variáveis já foram analisadas por Bisol (1984) em relação ao Português falado no Rio Grande do Sul, demonstrando serem elas sensíveis ao contexto linguístico da harmonia vocálica e às variáveis sociais consideradas pelo projeto VARSUL.

Com relação às vogais finais, a elevação de /e/ e /o/ não ocorre em toda a Região Sul, de forma categórica. Nos dados de Florianópolis há claramente um favorecimento da regra de elevação. Mas, pelas informações da equipa do Projeto VARSUL de Curitiba e Bisol (1984) - na área metropolitana de Curitiba e na área de colonização italiana, a variante com vogal média é mais frequente.

É interessante associar essa variável a uma regra fonológica de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/.. Tal regra ocorre, por exemplo, em Porto Alegre, onde a regra de elevação do /e/ e do /o/ é claramente favorecida e em Curitiba, onde a elevação do /e/ e /o/, em posição átona final é pouco aplicada, pelos dados observados de forma sistemática. A relação de "feeding" ou alimentação da regra de elevação para a regra de palatalização torna as africadas /č/ e /j/ bem mais frequentes em Porto Alegre que em Curitiba:

Porto Alegre	:	/leite/	[ˈleyti]	[ˈleyçi]	"leite"
Curitiba	:	/leite/	[ˈleyte]	[ˈleyte]	mas,
		/tito/		[ˈci̯to]	"Tito"

Em Florianópolis, não ocorre o processo de palataliza-

ção do /t/ e /d/.. Mas, ocorre a palatalização do /s/ nas mesmas situações descritas para o Rio de Janeiro (Câmara, 1953). Nas outras capitais da Região Sul esta regra não é aplicada.

A tendência de elevação de vogais nos contextos átonos, aplica-se também aos fonemas /ɛ/ e /ɔ/ quando passam à posição átona, por causa de processos de derivação ou flexão (menos comumente e -zinho que podem ser considerados processos de composição). Por isso não encontramos estas vogais em posição prôtônica, como ocorre nos dialetos do norte do Brasil e no PE. Outra variável também observada nos dados é a possibilidade de redução das proparoxítonas, com ocorrência claramente relacionada com o nível de escolaridade. Em alguns casos podem ser problemas de lexicalização, sem variação conhecida pelo informante.

A introdução de uma vogal epentética em determinados encontros consonantais mostra uma regra fonotática em que o PB e PE apresentam tendências opostas. Na Região Sul, somente em situações formais as palavras "advogado" ou "psicologia" são pronunciadas sem um [i] ou [e] epentéticos, desfazendo o encontro consonantal. Em palavras como "pneu" a probabilidade de ocorrência das formas "peneu" ou "pineu" é ainda maior. Este processo fonológico, presente em todo o PB, mostra uma tendência de mudança na direção oposta ao PE, que possui uma regra de apagamento de vogais prôtônicas: "devia" [d'via] em que se cria uma sequência consonantal que tende a ser desfeita por epêntese no PB...

### 3.2 Redução dos ditongos /ei/, /ai/ e /ou/

As variantes [ey] [e], [ay] [a] e [ow] [o] são encontradas em todos os níveis de escolaridade, grupos etários e em ambos os sexos. As duas primeiras variáveis têm claras limitações de contexto linguístico, no sentido de não ocorrerem antes de

oclusivas : [ɸeytu] mas não [ɸetu], [gayta] mas não ['gata] (com valor de gaita).. A última variável não apresenta esta restrição : [ɸowku] ~ [ɸoku] (pouco). Estas variações são sensíveis ao grau de formalidade e estilos de fala. Quanto às variáveis sociais, possivelmente apenas o grau de escolaridade seja relevante. Com relação ao PE, salientamos a ocorrência das variantes [ey] e [ay] que não ocorrem no PB, lembrando, entretanto, que variação semelhante à brasileira ocorre no sul de Portugal (com relação à variável <ei>).

### 3.3 Vogais e ditongos nasais

A regra de nasalização é mais ampla no PB que no PE. No PB a regra de nasalização atinge claramente todas as vogais tônicas seguidas de consoante nasal e as átonas seguidas de nasal + Consoante (Vandresen, 1975). Mesmo vogais átonas seguidas de consoante nasal podem ser nasalizadas, principalmente em palavras derivadas, quando a vogal antes nasalizada, perdeu a condição de ser afetada pela regra de nasalização obrigatória, como "cano" e "encanado": [kẽnu] e [ẽyka'nada] ou [ẽyke'nada].

No quadro das nasais ocorrem ainda as variáveis <en> e <eu> em que podem ocorrer, respectivamente, as variantes [ẽw] [o] e [u] e [ẽy], [e] e [i]. Assim, "levaram" admite as variantes [lẽ'varẽw], [le'varo] ou [le'varu] e a palavra "homem" pode ser realizada como : [lõmẽy] [lõme] ou [lõmi].

Os dados revelaram uma incidência das formas nasalizadas em todos os informantes mas, percentualmente maior na razão inversa do grau de escolaridade (52% , 48% e 28%).. Por outro lado, /ẽ / pode ter as variantes [ẽ] e [ẽy], sendo o contexto de palavras iniciadas por "em" , "bem" ... favorecedor da ditongação.

Já assinalamos anteriormente que a regra de nasaliza-

ção no PB é mais geral e que inclui como efeito secundário a elevação de todas as vogais baixas : assim a regra obrigatória nasaliza e eleva as vogais tônicas em palavras como:: cama, chama, Antônio, homem etc.

Com relação à realização dos segmentos consonantais é interessante notar que, em algumas áreas do Brasil, a oclusiva homorgânica sonora cai, restabelecendo plenamente o glide consonantal nasal : [kwẽdu] [kwẽnu] "Quando" [sõ'renu] e [sõ'redu] "chorando". Esta variação não foi encontrada nos dados de Florianópolis, sendo, entretanto registradas as variações:: [ta'mẽy] e [tẽ'bẽy] na palavra "também"... Interpretamos o caso como uma variante na lexicalização desta palavra e não uma regra variável.

3.4 Com relação às consoantes foram observados processos fonológicos que afetam estes fonemas em posição final.

No caso do fonema / r̃ / ocorrem as variantes [x] e "zero", havendo favorecimento desta última variante no infinitivo dos verbos (87% nos verbos contra 15% nas demais classes de palavras). A ocorrência de vogal no início da palavra seguinte, constituiu contexto linguístico favorável à manutenção do fonema, com a variante [r̃] ['vofẽ'zeṛũbiš'kɛti] "vou fazer um biscate". Nas demais posições esta consoante pode ocorrer com as variantes [x̃] e [h] ou mais raramente [r̃].

O fonema / l / alterna as variantes [l] e [w] em posição final e antes de consoante. Além disso, no padrão silábico Cons. + l pode alternar com Cons. + r [fla'mẽgu] [fra'mẽgu], "Flamengo".

O / s / em posição final alterna com a variante zero no 2º e / ou 3º elemento de um SN, afetando a regra sintática da concordância nominal. A queda do / s / ocorre também em outros contextos, como no morfema de 1ª. pessoa do plural : [moš] [mo]



[mu] ['vẽmuš] ~ [\*vẽmo]. Na 2a. pessoa do singular ocorre igualmente a alternância : [tu vayš] [tu'vay] (pouco frequente em Florianópolis ) mas atestada em Porto Alegre, que, no entanto pode ser atribuída a uma interferência nas regras de concordância, devido ao uso tu/ você.

Pelos exemplos, nota-se claramente um processo fonológico de enfraquecimento das consoantes finais que são apagadas ou se vocalizam.

Esta deriva do PB mostra novamente uma direção diferentes nas tendências de mudança em relação ao PE, no qual o / r / e / l / são às vezes variantes [l] [le] e [r] [re]. observa-se, também, que no PE a regra de concordância não é afetada, enquanto nos dados de Florianópolis esta regra mostrou-se altamente sensível à variável "grau de escolaridade", sendo que os informantes de nível primário não fizeram a concordância em 81% das ocorrências, os de nível ginásial em 46,4 e os de nível colegial em 25,5% das ocorrências. Note-se que estes dados referem-se ao registro informal, narrativas de experiências pessoais. Ainda em relação às consoantes foi também observada a variável < λ > com as variantes [ly],[λ] e [y] : [fa'milya] [famiλa] e [fa'miya] sendo que a última é claramente estigmatizada.

Em relação ao fonema / r / ocorre no Brasil uma variante [r̃] ( r caipira ) também estigmatizada, que entretanto, não ocorreu nas entrevistas já transcritas..

Com a identificação dessas variáveis, poderemos fazer uma descrição quantitativa de sua ocorrência e suas relações com as variáveis sociais. Pretendemos com esta investigação sociolinguística dar subsídios à compreensão de problemas pedagógicos apresentados pelos alunos das classes menos favorecidas na aprendizagem do português padrão.

Esta investigação será também importante para entender e explicar as mudanças linguísticas em curso na Região Sul e observar, até que ponto, estas tendências são iguais ou diferentes das encontradas em outras áreas da fala portuguesa.

Referências Bibliográficas:

- BISOL, Leda "Harmonização Vocálica : Uma Regra Variável" in SO-  
CIOLINGUISTICA E ENSINO DO VERNACULO. Tempo Brasi-  
leiro 78/79. Rio. 1984.
- "A vogal Pretônica e a Diversidade Dialetal" in LIRA,  
S. e VANDRESEN, P. (Ed). SOCIOLINGUISTICA - Ilha do  
Desterro nº 20 Fpolis. 1988.
- CAMARA, J. Mattoso. Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa. Rio,  
O. Simões. 1953.
- LABOV, William "Where does the Linguistic Variable Stop ? A  
response to Beatriz Lavandera" Working papers in  
Sociolinguistics, 44. 1978.
- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic Variable stop? LSA  
Meeting Chicago. 1977.
- MILROY, Lesley. Observing and analysing Natural Language. Oxford.  
B. Blackwell. 1987.
- OLIVEIRA, M.A. "Variação Linguística : Conceituação, Problemas  
de Descrição... DELTA. Vol 3 nº 1. S. Paulo.
- VANDRESEN, Paulino "O vocalismo Português : Implicações Teóricas"  
REVISTA BRASILEIRA DE LINGUISTICA nº 2. 1975.  
Petrópolis RJ. (80-103)